

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA

9º ANO 2º BIMESTRE 2º CICLO: CONTOS

CURSISTA: SIDILÉIA DE MACEDO SILVA

PALAVRAS-CHAVE: narrador; figuras de linguagem; discurso direto e indireto; elementos do enredo.

O texto gerador I é um conto de fadas moderno que por meio da mistura do real com o maravilhoso apresenta questões que fazem parte do nosso cotidiano.

TEXTO GERADOR I

A moça tecelã

Marina Colasanti

Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear.

Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte.

Depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, em longo tapete que nunca acabava.

Se era forte demais o sol, e no jardim pendiam as pétalas, a moça colocava na lançadeira grossos fios cinzentos do algodão mais felpudo. Em breve, na penumbra trazida pelas nuvens, escolhia um fio de prata, que em pontos longos rebordava sobre o tecido. Leve, a chuva vinha cumprimentá-la à janela.

Mas se durante muitos dias o vento e o frio brigavam com as folhas e espantavam os pássaros, bastava a moça tecer com seus belos fios dourados, para que o sol voltasse a acalmar a natureza.

Assim, jogando a lançadeira de um lado para outro e batendo os grandes pentes do tear para frente e para trás, a moça passava os seus dias.

Nada lhe faltava. Na hora da fome tecia um lindo peixe, com cuidado de escamas. E eis que o peixe estava na mesa, pronto para ser comido. Se sede vinha, suave era a lã cor de leite que entremeava o tapete. E à noite, depois de lançar seu fio de escuridão, dormia tranquila.

Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

Mas tecendo e tecendo, ela própria trouxe o tempo em que se sentiu sozinha, e pela primeira vez pensou em como seria bom ter um marido ao lado.

Não esperou o dia seguinte. Com capricho de quem tenta uma coisa nunca

conhecida, começou a entremear no tapete as lãs e as cores que lhe dariam companhia. E aos poucos seu desejo foi aparecendo, chapéu emplumado, rosto barbado, corpo aprumado, sapato engraxado. Estava justamente acabando de entremear o último fio da ponta dos sapatos, quando bateram à porta.

Nem precisou abrir. O moço meteu a mão na maçaneta, tirou o chapéu de pluma, e foi entrando em sua vida.

Aquela noite, deitada no ombro dele, a moça pensou nos lindos filhos que teceria para aumentar ainda mais a sua felicidade.

E feliz foi, durante algum tempo. Mas se o homem tinha pensado em filhos, logo os esqueceu. Porque tinha descoberto o poder do tear, em nada mais pensou a não ser nas coisas todas que ele poderia lhe dar.

— Uma casa melhor é necessária — disse para a mulher. E parecia justo, agora que eram dois. Exigiu que escolhesse as mais belas lãs cor de tijolo, fios verdes para os batentes, e pressa para a casa acontecer.

Mas pronta a casa, já não lhe pareceu suficiente.

— Para que ter casa, se podemos ter palácio? — perguntou. Sem querer resposta imediatamente ordenou que fosse de pedra com arremates em prata.

Dias e dias, semanas e meses trabalhou a moça tecendo tetos e portas, e pátios e escadas, e salas e poços. A neve caía lá fora, e ela não tinha tempo para chamar o sol. A noite chegava, e ela não tinha tempo para arrematar o dia. Tecia e entristecia, enquanto sem parar batiam os pentes acompanhando o ritmo da lançadeira.

Afinal o palácio ficou pronto. E entre tantos cômodos, o marido escolheu para ela e seu tear o mais alto quarto da mais alta torre.

— É para que ninguém saiba do tapete — ele disse. E antes de trancar a porta à chave, advertiu: — Faltam as estrebarias. E não se esqueça dos cavalos!

Sem descanso tecia a mulher os caprichos do marido, enchendo o palácio de luxos, os cofres de moedas, as salas de criados. Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

E tecendo, ela própria trouxe o tempo em que sua tristeza lhe pareceu maior que o palácio com todos os seus tesouros. E pela primeira vez pensou em como seria bom estar sozinha de novo.

Só esperou anoitecer. Levantou-se enquanto o marido dormia sonhando com novas exigências. E descalça, para não fazer barulho, subiu a longa escada da torre, sentou-se ao tear.

Desta vez não precisou escolher linha nenhuma. Segurou a lançadeira ao contrário, e jogando-a veloz de um lado para o outro, começou a desfazer seu tecido. Desteceu os cavalos, as carruagens, as estrebarias, os jardins. Depois desteceu os criados e o palácio e todas as maravilhas que continha.

E novamente se viu na sua casa pequena e sorriu para o jardim além da janela.

A noite acabava quando o marido estranhando a cama dura acordou, e, espantado, olhou em volta. Não teve tempo de se levantar. Ela já desfazia o desenho escuro dos sapatos, e ele viu seus pés desaparecendo, sumindo as pernas. Rápido, o nada subiu-lhe pelo corpo, tomou o peito aprumado, o emplumado chapéu.

Então, como se ouvisse a chegada do sol, a moça escolheu uma linha clara. E foi passando-a devagar entre os fios, delicado traço de luz, que a manhã repetiu na linha do horizonte.

COLASANTI, Marina. In: Contos brasileiros contemporâneos . São Paulo: Moderna, 1991.

Marina Colasanti (1938) nasceu em Asmara, Etiópia, morou 11 anos na Itália e desde então vive no Brasil. Publicou vários livros de contos, crônicas, poemas e histórias infantis. Recebeu o Prêmio Jabuti com Eu sei, mas não devia e também por Rota de Colisão.

Leitura

Questão 1 Uma narrativa é um relato centrado em um fato ou acontecimento. Nela há personagens, narrador, tempo, espaço, enredo. O narrador é a voz que nos conta os fatos e o seu desenvolvimento. Dependendo da posição do narrador em relação ao fato narrado, a narrativa pode ser feita em primeira pessoa – **narrador –personagem** ou em terceira pessoa – **narrador – observador**. Com base nisso, qual é o tipo de narrador o conto “A moça tecelã” apresenta? Explique e retire um fragmento do texto que comprove a sua resposta.

Habilidade: Identificar o foco narrativo (narrador), espaço, tempo, personagens e conflito.

Resposta Comentada: O texto em questão apresenta um narrador-observador que conta os fatos sem participar da história, ou seja, não é um personagem, o que pode ser percebido pelos tempos verbais que estão na 3ª pessoa do singular. Para comprovar a sua resposta, ele pode retirar qualquer passagem em que os verbos e pronomes estejam na 3ª pessoa, como: “Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear.

Questão 2 O conto de Marina Colasanti, por meio da mistura do real e do mágico, trata de uma questão do mundo moderno: a necessidade de se ter um companheiro (a), ou seja, o casamento como indicador de felicidade. A moça tem o poder de tecer tudo o que necessita. Passa o tempo tecendo e destecendo. Nos sete primeiros parágrafos, temos uma bela prosa poética, com ausência de conflitos. Em que momento o conflito se instala? E como ele é solucionado?

Habilidade: Identificar o foco narrativo (narrador), espaço, tempo, personagens e conflito.

Resposta Comentada: Nos primeiros parágrafos, observa-se que a narrativa é marcada por muitas passagens descritivas. O conflito se instala a partir do momento que a moça tece o homem que colocaria fim a sua solidão e com quem constituiria a sua família. Há uma sucessão de fatos e ela percebe que a ambição do companheiro faz com que ela se distancie do homem idealizado. A solução do conflito ocorre quando a tecelã destece o homem criado, mostrando que não devemos projetar a nossa felicidade no outro.

Uso da língua

Questão 3 “ *Dias e dias, semanas e meses trabalhou a moça tecendo tetos e portas, e pátios e escadas, e salas e poços.*”

No período em questão, temos duas figuras de linguagem: uma figura de pensamento e uma figura de construção ou sintaxe. Marque a alternativa que apresenta respectivamente essas duas figuras:

- | | |
|-------------------------|----------------------------|
| a) Antítese ; assíndeto | c) Gradação ; polissíndeto |
| b) Ironia; pleonasmo | d) Eufemismo ; elipse. |

Habilidade: Identificar a presença de figuras de palavra, pensamento e de sintaxe nos gêneros estudados.

Resposta comentada: No início do parágrafo temos “ *dias e dias, semanas e meses*” , uma sequência que nos mostra uma gradação crescente. Logo a figura de pensamento é a Gradação. Percebe-se ainda que a conjunção **e** aparece ligando termos repetidamente. Quando não há presença de conjunção, temos um assíndeto e, quando a mesma conjunção aparece de forma repetida, temos um polissíndeto. Sendo assim, espera-se que o aluno identifique a letra **C** como a alternativa correta.

Questão 4 No caso das falas dos personagens, o narrador pode transcrevê-las literalmente ou reproduzi-las com suas palavras. Quando ocorre a reprodução fiel da fala da personagem, temos um discurso direto. Quando o narrador emprega as próprias palavras para reproduzir a fala de um personagem, temos um discurso indireto.

- a) Transcreva do texto um trecho em discurso direto, indicando o “dono da voz” e o interlocutor.
- b) Passe o trecho para a forma de discurso indireto.

Habilidade: Identificar o uso dos discursos direto e indireto.

Resposta comentada: O aluno deverá escolher uma das falas do texto que reproduza a fala de um dos personagens e que são precedidas de travessão, como:

_ Uma casa melhor é necessária- disse para a mulher.

- A voz é do homem que a mulher teceu.
- O interlocutor é a moça tecelã.
- Frase no discurso indireto: O homem disse à mulher que uma casa melhor era necessária.

_ É para que ninguém saiba do tapete _ disse.

- A voz é do homem que a mulher teceu.
- O interlocutor é a moça tecelã.
- Frase no discurso indireto: O homem disse à mulher que era para que ninguém soubesse do tapete.

TEXTO GERADOR II

O texto de Wander Pirolí, apesar de ficcional, retrata uma experiência vivida por muitas pessoas.

Lá no morro

Avistei-o subindo o morro. Mamãe estava junto ao fogareiro. Corri alarmado para avisá-la: “Papai envém aí”. Ela me espetou os olhos apagados e os lábios se moveram lentamente. Não disse nada.

Papai atravessou a porta em silêncio e ao invés de chutar o tamborete arredou-o de leve. Observou-me num relance. Depois olhou mamãe que estava de costas, e deixou-se cair no tamborete. A cabeça pendeu sobre o caixote como se se tivesse desprendido do corpo. Não exalava cachaça, desta vez. Surpreendi-me avançando na sua direção. Parei perto do caixote com as pernas

trêmulas, e antes que eu percebesse meus dedos já tocavam o ombro de papai.

Mamãe permanecia imóvel junto ao fogareiro, como se esperasse que a mão pesada a atingisse a qualquer momento. Angustiava-me um sentimento doloroso por papai: era como se o estivesse descobrindo sob a camada de violência, e agora ali restasse não apenas meu pai, mas a própria criatura humana na sua dimensão essencial e indestrutível. Olhei para mamãe. E gritei-lhe desesperadamente “Mamãe!” sem que ao menos tivesse necessidade de abrir a boca.

Afinal mamãe se voltou com o prato de comida e viu minha mão pousada no ombro de papai. Colocou o prato no caixote, perto da cabeça de papai. Ele continuou quieto, a respiração funda e descompassada. Mamãe acendeu a lamparina, e a claridade arredou as primeiras sombras da tarde para os cantos do cômodo. Em seguida, mamãe preparou a minha marmita e por último o seu prato e ambos nos sentamos, eu no chão e ela no outro tamborete.

O arfar intenso de papai doía no silêncio. Olhei mamãe. Mamãe me olhou e disse:

– Come.

Depois fitou papai, de esguelha, e levou até à boca uma pequena porção de arroz. Mas teve logo que deixar o garfo de lado para conter o acesso de tosse com a mão. Papai então levantou a cabeça, encarou-a com os lábios abertos. Seu rosto estava molhado de suor. Abaixou os olhos para mim, fungando, e deixou a cabeça pender novamente sobre o caixote.

Ouvimos passos no quintal. Três homens saltaram dentro do barraco e um deles arrancou a cortina que dividia o cômodo. Antes que o coração me socasse o peito e mamãe imobilizasse o garfo e papai erguesse a cabeça, tiraram-no do tamborete, torcendo-lhe os braços.

Papai não tentou reagir, sequer parecia surpreso. Era como se já estivesse esperando aquele momento. Nem ao menos olhou para os homens que o subjugavam. Fitava apenas mamãe, imóvel e fria do outro lado do caixote. Um dos homens levantou o punho e bateu-lhe seguidamente na cara. Com a boca ensanguentada, recebia as pancadas sem tirar os olhos de mamãe.

Levaram-no, os braços presos às costas. Os socos continuavam no quintal e eram mais nítidos quando pegavam na cara de papai. As batidas foram-se distanciando. Mamãe estava com a cabeça quase dentro do prato e as lágrimas escorrendo de seu rosto pingavam sobre o resto da comida. A marmita ainda tremia em minhas mãos e eu comecei a vomitar.

PIROLI, Wander. A mãe e o filho. Teresina: Corisco, 2000.

Leitura

Questão 5 Os textos *A moça tecelã* e *Lá no morro* narram histórias. Temos dois contos. Apesar de pertencerem ao mesmo gênero, percebemos nítidas diferenças entre eles. Leia as afirmativas e marque as corretas no que referem aos textos em questão.

- a) O primeiro texto está narrado em terceira pessoa e o segundo em primeira pessoa.
- b) No texto gerador I, percebemos a presença do maravilhoso e do fantástico, típico dos contos de fadas. Já no texto II, temos a sensação de que tudo relatado foi real e pressentimos um desfecho dramático.
- c) Os dois textos apresentam o mesmo tema, cujo enredo é marcado por uma sucessão de fatos reais.
- d) Uma das características do texto gerador I é o compromisso com a verdade e a do texto II é o compromisso com o fantástico, com o maravilhoso.

Habilidade: Identificar e comparar os gêneros em questão;

Resposta comentada: Ao compararmos os dois contos, percebemos que embora pertençam ao mesmo gênero, são distintos em relação ao tema e à forma como este é desenvolvido. No primeiro, por se tratar de um conto de fadas, percebemos a presença do *fantástico* e do *maravilhoso*, como a possibilidade que a tecelã tem de tecer e destecer o que quiser. O segundo texto, nos apresenta uma temática que é a realidade de muitas famílias brasileiras: o alcoolismo, a violência doméstica e a violência nas favelas, dando nos a impressão de estarmos diante de um fato real. Quanto ao papel do narrador, temos um narrador-observador no primeiro e um narrador-personagem no segundo (um dos filhos).

TRECHO REMOVIDO

BIBLIOGRAFIA:

- SARMENTO, Leila Lauer. Português: literatura, gramática, produção de texto: volume único/Leila Lauer Sarmiento, Douglas Tufano _ São Paulo. Moderna, 2004.
- <http://www.recantodasletras.com.br/resenhasdelivros/1413748>
- http://www.releituras.com/i_ana_mcolasanti.asp
- MARCHETTI, Greta. Para viver juntos, 9º ano: ensino fundamental/ greta Marchetti, Heidi Strecker, Mirella L. Cleto. 1ed.rev. São Paulo: Edições SM, 2009. (Para viver juntos)
- TERRA, Ernani. Português para o ensino médio: língua, literatura e produção de texto: volume único/Ernani Terra & José de Nicola, Floriana Toscano Cavallette- São Paulo: Scipione. 2002.

TRECHO REMOVIDO

